

CORPO, RELIGIOSIDADE, FESTA E TRADIÇÃO NO CONTEXTO DA CAVALHADA DE BRUMAL/MG

BODY, RELIGIOSITY, PARTY AND TRADITION IN THE CONTEXT OF CAVALHADA DE BRUMAL/MG

Murilo Eduardo dos Santos Nazário 1

Resumo: Este artigo busca responder a seguinte questão: quais as corporeidades expressas durante uma Cavallhada católica? Objetiva discutir e analisar as vicissitudes religiosas que permeiam as instâncias corporais durante o festejo católico denominado cavallhada em uma comunidade no interior de Minas Gerais. Estabelece como metodologia o estudo de caso etnográfico. Para tanto, selecionou-se como grupo pesquisado uma comunidade tricentenária do interior de Minas Gerais. Dentre as diferentes manifestações produzidas direciona-se a vereda epistemológica para a Cavallhada em honra ao Santo Padroeiro local. Com isso, foi possível averiguar diferentes nuances, entre elas uma maneira bastante singular do corpo se expressar e tornar-se protagonista da ocasião. Esse protagonismo deve-se à peculiaridade integrante que assume homens e cavalos para o desenrolar da manifestação. Portanto, dada essa junção de homens e cavalos, foi utilizado a metáfora do centauro para realizar a descrição e os possíveis desdobramentos representativos que as ações corporais assumem.

Palavras-chave: Cavallhada. Santo Amaro. Corpo

Abstract: This article seeks to answer the following question: which corporeities are expressed during a Catholic Cavallhada? It aims to discuss and analyze the religious vicissitudes that permeate the bodily instances during the Catholic celebration called cavallhada in a community in the interior of Minas Gerais. It establishes as a methodology the ethnographic case study. For this purpose, a tri-centennial community in the interior of Minas Gerais was selected as a research group. Among the different manifestations produced, the epistemological path is directed towards Cavallhada in honor of the local Patron Saint. With this, it was possible to ascertain different nuances, including a very unique way of the body to express itself and become the protagonist of the occasion. This protagonism is due to the integral peculiarity that men and horses assume for the development of the manifestation. Therefore, given this junction between men and horses, the metaphor of the centaur was used to describe and possible representative unfoldings that bodily actions assume.

Keywords: Cavallhada. Santo Amaro. Body

1 Doutor em Educação Física pelo Programa de Pós Graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES). Mestre em Ciências da Motricidade Humana (Ênfase em Pedagogia da Motricidade Humana) pela Unesp Rio Claro (2013). Graduado em Educação Física Ceular Batatais -SP. Atualmente é professor Titular I na Universidade de Vila Velha - ES e coordenador do Núcleo de Formação Profissional em Educação Física. Membro do Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física (PROTEORIA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8271-2260>. E-mail: murilo_nazario@hotmail.com

Introdução

Esta pesquisa organiza-se em torno da seguinte questão: quais as corporeidades expressas durante uma Cavallhada católica? Objetiva discutir e analisar as vicissitudes religiosas que permeiam as instâncias corporais durante o festejo católico denominado cavallhada em uma comunidade no interior de Minas Gerais.

As Cavallhadas são festejos de origem medieval em caráter de teatro a céu aberto que remontam as lutas entre as hostes mouras e os exércitos cristãos. No Brasil tem seus primeiros registros oficiais no século XVIII (GONÇALVES, 2001). Meyer (2001) com subsídios nas Cartas Chilenas, mas não exclusivamente, escreve que as Cavallhadas seriam divertimentos equestres, realizados pela aristocracia nacional da época. Elas também compunham parte obrigatória dos festejos religiosos e dos grandes acontecimentos da metrópole naquele período.

Dentre as diferentes localidades no Brasil que ainda preservam esse tipo de manifestação, está Brumal comunidade mineira tricentenária, situada a 100 km de Belo Horizonte e aos pés do Santuário Nossa Senhora Mãe dos Homens, ou popularmente conhecido como Parque do Caraça. O distrito possui cerca de 1200 habitantes e tem o catolicismo como parte da raiz configurativa de suas bases socioculturais. Atualmente, mas ainda sob a égide religiosa, Brumal foi elevado à condição de Curato Nossa Senhora das Graças, pelo decreto de Dom Luciano Mendes de Almeida no ano de 2006. Porém, o lugarejo somente alcançaria a autonomia jurídica, administrativa e financeira em 2010, ano da criação de seu CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica). Cumpre dizer que, além de Brumal, as comunidades de Barra Feliz, Sumidouro e Santana do Morro e o Santuário do Caraça formam a estrutura do Curato (SILVA, 2011). Podemos ampliar o raio da atuação católica apresentando as principais ações religiosas em consonância com a participação leiga no distrito: as pastorais, o coral, as catequeses, os ministérios da comunhão, a sociedade São Vicente de Paulo, a irmandade do Santíssimo e a legião de Maria (CURATO, 2011).

Desse modo, as manifestações de maior destaque, dentre elas suas festas, estão atreladas a elementos do catolicismo local, das quais, podemos destacar a Cavallhada em honra ao Santo Amaro, padroeiro comunitário. Sua primeira edição transcorreu no ano de 1937, como pagamento de uma promessa realizada pelo senhor Jorge Calunga, morador de um distrito vizinho que trabalhava em Brumal. A história que é contada, diz que um dos filhos desse senhor estava muito adoentado, então ele decidiu realizar uma promessa a Santo Amaro, padroeiro local. A promessa consistia na realização de uma Cavallhada em honra ao santo, todos os anos, desde que seu filho fosse curado. A particularidade que cerca o oferecimento de uma Cavallhada deve-se ao fato de que o Sr. Jorge participava de outra Cavallhada na comunidade de Morro Vermelho, distrito de Caeté – MG, porém nessa localidade tal festejo é realizado em honra a Nossa Senhora de Nazareth.

Desde então, a Cavallhada de Brumal ocorre ininterruptamente. No entanto, é importante salientar que atualmente ela acontece durante o primeiro domingo do mês de julho. Muito embora, em outros tempos, ela era realizada no dia 16 de janeiro, dia de Santo Amaro. Essa mudança ocorreu, devido às fortes chuvas que aconteciam no lugarejo durante os meses de dezembro e janeiro, fato que causava dificuldades para com a realização do festejo.

Para compreender o sentido que a Cavallhada assume para comunidade é preciso retomar algumas estruturas do Catolicismo. O primeiro refere-se ao cultuar de Santos, este é responsável por diferentes desdobramentos dentre eles aqueles referentes à relação estabelecida entre Santo e devoto. Essa relação por sua vez é responsável pelas constituições dos elementos promessas, festas e milagres, que são as bases da configuração e estruturação da Cavallhada de Brumal.

De modo geral é estabelecida uma relação de reciprocidade, com responsabilidades por parte do adepto que deve rezar para o santo, realizar novenas, ladainhas e organizar festas em honra a ele. Contudo, na cosmovisão católica os santos também desempenham certas responsabilidades, como atender aos seus pedidos e protegê-los dos inúmeros flagelos da inexistência que a vida encerra. Entretanto, quando não ocorre o cumprimento das responsabilidades que cada um possui, são geradas algumas retaliações, no imaginário popular, de ambas as partes, dentre elas a suspensão da proteção e da ajuda divina (BRANDÃO, 1986). Berger (1985) apresenta elementos sobre essa questão, para ele a relação de criação de santos, anjos e outras formas de transcendência é devido ao caráter primeiro do Cristianismo, o Jesus, reencarnado e mediador entre homem e Deus.

Para ampliar essas prerrogativas que envolvem o culto aos santos, segue o exposto de Camargo (1979, p. 234):

As limitações alimentares e o respeito à interdição do trabalho são, no entanto, rigorosamente respeitados, sob pena de sanções sobrenaturais das mais severas. O ritmo de sacralização do tempo varia também em função dos santos mais importantes em cada região. Ele segue sempre, entretanto, as variações do ciclo litúrgico local, e é pouco marcado pela ênfase hebdomadária predominante na sociedade urbana.

Não obstante, as promessas e os milagres são outros elementos da cosmologia católica que podem ser articulados a experiência religiosa com faces as representações que envolvem o culto aos santos. Contudo, deve ser enfatizado que esses dois elementos perpassam o quadro de exclusividade ao contexto de reciprocidade estabelecida entre santos e devotos. E assim como o próprio culto aos santos, eles também são estruturas que representam a ação do sagrado em diferentes situações e contextos do viver cotidiano católico.

Indo nesta perspectiva, o católico, em sua cosmovisão, passa a possuir mais um aliado para enfrentar as dificuldades inexatas do viver humano. São exemplos dessa condição inexata: proteção comunitária, individual, referentes à perda da saúde e também contra as forças do profano. Isso remete a uma das características do catolicismo praticado no meio rural, o maniqueísmo, ou a sempre presente batalha entre bem e o mal (ZALUAR, 1980). Destarte, essas ações sagradas devem ser retribuídas em sinal de agradecimento e com intuito de que elas continuem constantemente, de acordo com as necessidades comunitárias e individuais. Assim, os fiéis, a fim de manter tal equilíbrio, realizam novenas, ladainhas, orações e festejos em honra aos santos.

Neste sentido, Zaluar (1980: 169) diz:

Para obter a ajuda dos santos, os homens ligavam-se socialmente com aqueles, estabelecendo-se uma relação de reciprocidade, isto é, uma relação em que havia uma série de prestações e contraprestações socialmente estipuladas. [...] A categoria *promessa* denotava, ao mesmo tempo, o pedido feito ao santo, a dívida a saldar e a efetivação do pagamento ao santo, especialmente quando se tratava de *ex-votos*, também chamados de *promessa*.

Muitos podem, dessa forma, ser os enfoques abordados, cada qual com sua abrangência e singularidades. Diante dessa condição, optamos por afinar a discussão para o elemento festa e sua interrelação com a reciprocidade existente entre santos e devotos. Isso, por outro lado, não exclui os demais elementos, promessas, ladainhas, novenas e milagres, como poderá ser mais bem averiguado ao longo do texto.

As festas, por sua vez, são elementos de grande importância e representatividade no enredo sociocultural brasileiro e conseqüentemente para com o seu catolicismo, principalmente aquele de bases rurais ou denominado como popular. Propriamente a festa do padroeiro possui um contexto amplo no território nacional, de intensa mobilização coletiva, com papéis a serem desempenhados pelos membros da comunidade e que traz destacadamente em seu contexto a dimensão da identidade religiosa do grupo (QUEIROZ 1973).

Zaluar (1980, p. 161) afirma que:

O significado cosmológico das festas de santo só fica bem entendido quando sabemos que as festas são partes de um sistema de reciprocidade com as divindades do *cosmos*, construído socialmente pelos homens. Esse sistema de reciprocidade, por sua vez, integra a própria visão de mundo dos agentes sociais.

Em outras palavras, Guarinello (2001), tece diferentes argumentos que envolvem a complexidade de definição que cerca o termo festa, mas sintetiza-o do seguinte modo (1) implica em uma determinada estrutura social; (2) envolve a participação concreta de um determinado coletivo; (3) gera uma interrupção do tempo social e (4) articula-se em torno de um objeto focal e de uma produção social. Ademais, acrescenta:

Festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes (GUARINELLO, 2001, p. 972).

Procedimentos Metodológicos

Essa pesquisa é resultante de uma dissertação de mestrado, subsidiada pelas estruturas epistemológicas de um estudo de caso etnográfico. Para Yin (2000, p. 30): “[...] um estudo de caso é uma investigação empírica sobre um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Em outras palavras, estudar o catolicismo brasileiro em uma comunidade específica colabora para ampliar as discussões e análises que envolvem as tipologias dessa manifestação religiosa em suas nuances locais.

Nessa perspectiva, resgatando elementos do ofício etnográfico, desde a fase teórico-intelectual, etapa que antecede o ingresso no campo de pesquisa, cuja finalidade é ampliar as ferramentas de leitura da realidade a ser estudada. Trata-se do momento em que o pesquisador pode munir-se do conhecimento teórico, universal e mediatizado, a fim de organizar as fases seguintes, da prática e da fase pessoal ou existencial, que envolvem o ingresso e permanência no grupo pesquisado (DA MATTA, 1978).

As apropriações que também foram desenvolvidas a partir das recomendações etnográficas de Cardoso de Oliveira (1996) sobre olhar, ouvir e escrever que envolve o ofício etnográfico com o intuito de captar as singularidades do grupo pesquisado, seja em suas contradições, fazeres coletivos e/ou individuais, as crenças, seja em acordos morais estabelecidos, foram valiosas nessa fase da pesquisa. As combinações desses fatores permitem avançar para além dos elementos que se apresentam pela descrição dos traços que a visão alcança, mas tornam-se ferramentas que colaboram no registro e compreensão das forças invisíveis da subjetividade que permeiam o cotidiano pesquisado. A observação participante e o diário de itinerância foram os instrumentos para conduzir e acompanhar essa fase de inserção no campo. Para Tura (2011), a observação participante, recurso das etnografias sociais, tem sido um procedimento valioso nas pesquisas sobre o cotidiano escolar. A observação permite ao pesquisador desenvolver progressivamente o ingresso no campo de pesquisa e a aproximação ao objeto de estudo, construindo os primeiros vínculos de interacionismo simbólico entre pesquisador e grupo pesquisado. Igualmente, as práticas de observação possibilitam ao pesquisador realizar as primeiras reflexões de indagação, questionamento e aproximação entre a complexidade do contexto local com o conhecimento narrado nas literaturas que antecederam a fase de ingresso ao campo

Do mesmo modo, por mais que o pesquisador possua os subsídios reflexivos angariados durante o seu debruçar sobre os manuais consolidados no campo das Ciências Sociais, eles não garantem a totalidade de previsibilidade e controle da natureza inexata e inconstante que permeia o cotidiano humano. Por outro lado, essa junção entre manuais e subsídios reflexivos referentes às condições do enredo social inexato encontrado contribuem para que o pesquisador possa ampliar as dimensões reflexivas sobre o grupo pesquisado (DA MATTA, 1978).

Nesse prisma, outra peculiaridade que envolve a observação participante, desponta para o pesquisador e a relação de aproximação/distanciamento que envolve o pesquisador e o grupo

por ele pesquisado. Uma vez que, é dessa relação ou sucesso dela, que será possível angariar elementos particulares e da subjetividade individual resultante da inter-relação coletiva com o social que o envolve constantemente. Contudo, aponta-se sobre a necessidade, mesmo que mínima, do distanciamento entre pesquisador/pesquisador para que seja mantido a objetividade do estudo. Indo de contrapartida, Da Matta (1978) e Velho (1978) consideram que realizar uma etnologia coerente necessita, também, considerar essas peculiaridades que extrapolam a objetividade e o que está consolidado pelos manuais. Uma vez que a essência humana também reside das considerações inexatas e que extrapolam os determinismos quantitativos, cujas nuances identificam e particularizam o campo da Antropologia e das Ciências Sociais. Embora, isso não significa dizer que a objetividade, as considerações quantitativas e aquilo que está consolidado pelos manuais sejam substituídas.

Para tanto, é imprescindível a consideração dos participantes que configuram e estruturam o enredo da ocasião. Porém ao fazermos isso, não pretendemos assumir a atitude arrogante que nos fala Da Matta (1978), de se pôr no lugar do outro, muito pelo contrário, entendemos como o próprio autor, a perspectiva de que a empreitada científica é somente mais um caminho para se apresentar uma dada realidade.

Com esses cuidados e após aprovação da pesquisa no Comitê de Ética da Unesp – Rio Claro, Parecer 031/12 e Protocolo 8.744, as observações seguiram o calendário do festejo que envolve novenas, missas, shows e a cavalhada propriamente dita, que encerra as festividades. A partir desse norte reflexivo, foi possível realizar uma junção peculiar que nos permite perceber mais que as ressonâncias corporais daquele momento, mas sim as representações interlocutoras que o corpo assume, performatizadas em técnicas corporais envolvendo seres humanos e cavalos.

Análise e discussão dos resultados

A partir da materialidade textual produzidas a partir das observações e registros em diário de itinerância, organizou-se duas categorias de análise: caracterização dos sujeitos do enredo da cavalhada e técnicas corporais expressas durante o festejo da cavalhada.

Sujeitos do enredo da cavalhada

Nesse sentido, ao manter a tradição das etnografias, a primeira estrutura de identificação foram os sujeitos que compõem o enredo estrutural da Cavalhada de Brumal. Vale salientar que cada um, possui ação particular e de importância elevada no desenvolvimento do festejo.

Atualmente a Cavalhada é organizada pela Associação Comunitária de Brumal, que substitui a figura do festeiro de outrora. Para ser mais exato, em contato com atas de reuniões, podemos comprovar que desde a fundação da Associação Comunitária, a mesma passa a ser responsável por gerenciar tal ocasião. A figura do festeiro, em outros tempos do catolicismo nas instâncias rurais brasileiras, baseava-se naquele membro comunitário que deverá angariar recursos, financeiros, humanos e de infraestrutura para realizar o festejo em homenagem ao santo padroeiro.

Sendo assim, tal momento é marcado por uma responsabilidade e mobilização popular intensas, pois o sucesso da manifestação está relacionado diretamente com as ações de proteção e ajuda desenvolvidas pela divindade para com a comunidade local no transcorrer do calendário cotidiano (ZALUAR, 1980; BRANDÃO, 1986; QUEIROZ, 1973). Do mesmo modo, a Associação assume praticamente as mesmas funções do festeiro, responsabilizando-se pela mobilização humana, contato com entidades públicas como prefeituras e empresas privadas da região. Por outro lado, se a Associação assume a condução para o desenvolvimento da Cavalhada, a Igreja representada por suas lideranças leigas, não exclusivamente, fica responsável por organizar as ações religiosas que estão articuladas à realização da Cavalhada em honra a Santo Amaro. São exemplos de tais ações: novena a Santo Amaro, adorações ao santíssimo, procissões, missas e repique de sinos.

Ainda, dessa mobilização intragrupal, surgem os demais personagens e protagonistas da ocasião. As principais formas de participação registradas estavam relacionadas a enfeitar o largo, espaço destinado ao desenvolvimento da ação em si. Também são formados grupos para a confecção

de vestimentas para os cavaleiros. Há também os moradores responsáveis por arrecadação de dinheiro, como cumprimento de promessas, estes utilizam listas, visitas e pedidos aos moradores de toda região com intuito de arrecadar diferentes quantias que serão destinadas a subsidiar o festejo. Há também outro grupo que se responsabiliza pela retirada do mastro de madeira que algum produtor de eucalipto da região, gentilmente fez uma doação. Podemos também destacar o trabalho das senhoras que ficam responsáveis por fazer o almoço e os jantares [antes, durante e depois da Cavalhada] para todos os demais envolvidos com os trabalhos.

E por fim cerca de 34 homens são responsáveis por representar Mouros e Cristãos durante a Cavalhada em si. Assim, diante desses diferentes personagens que compõem o quadro estrutural da Cavalhada de Brumal, destacamos esses cavaleiros e as diferentes formas do corpo se fazer expresso durante a participação dos mesmos em tal manifestação.

Técnicas corporais expressas durante o festejo da cavalhada

Nesse viés, utilizou-se como suporte analítico para esta fase do estudo, o conceito de Técnicas Corporais proposto por Mauss (1974, 211), que “seriam as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional sabem servir-se de seus corpos”. O mesmo autor acrescenta que “o ato técnico, ato físico, ato mágico religioso, são confundidos pelo agente” (MAUSS, 1974, 217). Por fim, ele considera que classificar o tipo de técnica corporal facilita o trabalho do observador, pois elas se diferenciam de acordo com o grupo, sexo e a idade. Nesse sentido e no que cada uma das técnicas possui como particularidade, consideramos àquela denominada de rendimento como a que guarda maiores similaridades com o contexto de nosso estudo.

Sendo assim, a descrição das ressonâncias corporais expressas durante o enredo da Cavalhada foi estruturada por meio do uso da “metáfora do centauro” [grifo nosso] com direcionamento estético para as técnicas corporais. Justifica-se esse procedimento, devido a percepção visual estética de integralidade que homens e cavalos compartilham durante a manifestação.

Durante as observações verificou-se que as técnicas envolvidas durante o desenrolar da Cavalhada possuem um valor estético, que somente é alcançado por uma condição de eficácia da ação. Portanto, transmissão, educação, estética e eficiência se misturam em uma mesma ação. Outro pressuposto, que comprova a condição de técnica corporal de rendimento, diz respeito ao valor da tradição que permeia o enredo da Cavalhada, pois ao longo desses setenta e cinco anos, as técnicas próprias do momento foram transmitidas por um processo educativo tradicional, passado de uma geração para outra.

Essa perspectiva pode ser comprovada com a seguinte informação: todos os anos nos quatro domingos que antecedem o domingo dedicado à Cavalhada, os centauros se reúnem das 14h00min às 18h00min no balneário de Brumal para realizar os ensaios. Nesse momento o processo educativo de transmissão das técnicas corporais é realizado. As ações de ordem ensino aprendizagem são realizadas por meio de repetição das diferentes ações motrizes necessárias para o desenvolvimento da Cavalhada. Elas são transmitidas, ensinadas e corrigidas pelos centauros com maior número de participação em Cavalhadas. Estes, por sua vez, são os professores sem diplomas, responsáveis por ensinar e transmitir o conhecimento, as maneiras de fazer e os sentidos que envolvem tal ocasião.

Partindo para a composição estrutural do festejo, ele consiste na divisão de dois grupos de dezessete centauros que representam cristãos e mouros em situação de batalha. Dos dezessete que representam o grupo dos cristãos, há um rei, um imperador e dois embaixadores, eles são os únicos que possuem falas no desenrolar da manifestação. Essas narrações apresentam elementos do contexto histórico que envolveu o imperador Augusto, as Cruzadas e ainda acrescentam elementos relacionados à devoção e a vida de Santo Amaro. Para colaborar na identificação e caracterização histórica, os centauros são vestidos com roupagens de inspirações medievais, próprias de cristãos e mouros da época. Essencialmente, a roupa é a mesma, com capas, camisas, calças, utensílios de cabeça, além de pequenos enfeites de seda e flores.

As diferenças estão nos utensílios de cabeça, que para mouros são turbantes e para os cristãos são capacetes. Outra diferença são os símbolos que ostentam as capas de um grupo e outro, porém vale dizer que não há um padrão de cor e/ou símbolos para diferenciá-los. Entretanto

é possível identificar a cruz pátea em algumas capas cristãs e a estrela e a lua crescente na capa daqueles que representam os mouros. Em seguida, organizados em duas filas, ambos os grupos iniciam o deslocamento, desde o lugar onde estão enfeitados até a entrada do espaço reservado para a encenação. Ao adentrarem no grande círculo, trinta e dois deles assumem posição estática, divididos ao longo do círculo e próximos a borda lateral. Enquanto isso, um cristão e um mouro cruzam o centro do círculo com o estandarte de Santo Amaro e ali permanecem. Essa condução do estandarte representa a manutenção do significado daquela ocasião, ou seja, homenagear Santo Amaro e comprovar sua presença por meio de tal imagem.

Logo em seguida, o centauro que representa o embaixador cristão deixa sua posição estática e inicia uma oratória de conteúdo histórico, sendo ela:

Embaixador 1: Neste momento, quando no entusiasmo desta solenidade, deparo com a imagem de nosso glorioso e protetor, Santo Amaro. Eu fico extasiado de prazer; não posso e nem devo cumprir minha missão, sendo que antes adoro e venero esta sublime imagem. Apressai-vos, muito nobre Imperador Augusto, que venho também render a nossa homenagem a Santíssima Virgem, rainha do céu e da terra, que imploramos a ela ao seu auxílio.

Enquanto o mesmo pronuncia os dizeres, ele realiza uma série de ações motrizes, tais como deslocamentos circulares, acompanhados de mudanças de direção. Mas a ação de maior destaque e valor estético são as embaixadas, instantes nos quais os centauros equilibram-se somente com os membros inferiores traseiros e erguem uma de suas mãos. Tão logo a última fala é finalizada, surge outro centauro que inicia novo discurso, também com dizeres históricos, as ações motrizes são as mesmas, inclusive as embaixadas. Abaixo, segue o discurso:

Embaixador 2:OH! Ilustre e nobre embaixador, de que tal é a Vossa Alteza? É tão rica personagem, não é de propósito e nem é de mensagem. É o festeiro rendendo homenagem e trazendo no alto a nobreza e oferecendo ao glorioso Santo Amaro. Mas segundo o destino, tendo vendo o seu desempenho, que eu não posso decorar, de ser ingrato ao vosso santo matrimônio, ordena ser exato e cumprir com vosso dever, na empresa que me vejo na ocasião de tal perigo. Mas sem pensar eu fui tão feliz que em seu peito, eu hei de achar o zelo. Eu desejava ter uma memória de ouro e uma língua de prata. É sublime a impressão que comigo relato. Hoje eu oculto a minha ideia, mas vivo um Deus de outrora, para que consigo essa oferta a prazo de uma nobreza. Colocando sob a madeira, um venerado estandarte do glorioso Santo Amaro. E aqui hoje, festejamos, cantamos, louvamos e dizemos: VIVA e VIVA o GLORIOSO SANTO AMARO!

Ao término do discurso deste último, o primeiro embaixador retorna e ambos reiniciam a sequência de movimentos realizados por cada um anteriormente, porém eles se organizam de maneira a assumir posições contrárias no deslocamento em círculo e durante as embaixadas formando um dueto sincronizado.

A Cavalhada segue, com a saída de todos os centauros do grande círculo. Enquanto isso tem início o ritual de subida do mastro e conseqüentemente do estandarte de Santo Amaro. Essa ação somada à entrada do estandarte, realizada pelos centauros mouro e cristão, no início da encenação, representa a centralidade do festejo em honra a Santo Amaro. Desse modo, quando alguns participantes adentram o círculo e iniciam a subida do mastro, não estão apenas elevando um pedaço de madeira pesado, mas estão a ascender, tornar visível e deixar centralizado o próprio Santo Amaro durante aquela ocasião.

Naquele instante, mastro e estandarte passam a representar o *Axis Mundi*, ou seja, a percepção da via láctea, enquanto o pilar cósmico é humanizado e trazido para perto deles sob formato de um mastro de eucalipto. E assim, além do espaço já sacralizado, aquele mastro cumprirá

papel decisivo: ligará o mundo dos céus ao mundo dos homens. E Santo Amaro, representando por seu estandarte, permanecerá responsável pela mediação necessária entre tais mundos e seus respectivos membros (ELIADE, 1992).

A ação seguinte consiste na repetição da sequência com a entrada de dois centauros, um de cada vez para a realização de novo discurso, também com caracteres históricos, e a realização das ações motrizes próprias do momento, inclusive as embaixadas. Segue o discurso desse momento:

Embaixador 1: Oh! Invicto Imperador Augusto, que o plano da régia sorte, pisa ao plano, do mais aventuroso nome desta, que aqui fez nobreza, que confessa a essa pátria, eu a vossa imperial grandeza. Majestade! Brilhantíssimo o Vosso nome Augusto César, aos vossos feitos heroicos, e a vossa inenunciável bondade. Para com os vossos súditos, são vossos títulos de nobreza, não confesso a miséria e nem vários animais quadrúpedes. A prata, ao ouro e o claro diamante, brilhantíssimas pedras preciosas, que ornaram vossa fronte e honraram o interesse aos seus filhos, que hoje gozam com prazer, dos campos, flores e frutos abundantes. Oh! Imperador Augusto, noticiais tive, que levava aos ares o sacrossanto estandarte do vosso Glorioso Santo Amaro. E hoje, eu lavo e venero esta sublime imagem. VIVA SANTO AMARO!

Mas esse último discurso realizado marca o alcance da supremacia religiosa por parte dos cristãos e para celebrar a vitória quatro cristãos e quatro mouros realizam a ação de trançamento das oito fitas. Cada fita possui um significado. A fita vermelha representa as guerras do período, em busca da unificação pelo cristianismo. A fita amarela representa o ouro, símbolo da realeza. A fita verde, a esperança que o Cristianismo alcance a supremacia religiosa. E a fita azul, o céu e a esperança que assim seja alcançada a salvação, para todos os cristãos.

Com isso, cada um dos oito centauros fica em posse de sua fita e se dispõe em formato circular, sendo que quatro deles estão na direção anti-horária e quatro em sentido horário. Todavia, a ação principal consiste na realização de entradas e saídas entre um centauro e outro para realizar o trançamento das fitas junto ao mastro. À medida que as fitas são enroladas, o espaço de ação, a velocidade e o ritmo de execução diminuem, deixando os gestos mais minuciosos. Essas entradas e saída persistem até o momento que não seja mais possível aos centauros deslocarem-se. Terminada essa sequência eles saem do círculo para retornar em seguida e realizar diferentes sequências de movimentos que fornecem a sensibilidade ótica de construção de figuras que se assemelham a círculos, semicírculos, círculos duplos, círculos duplos em direções opostas e por fim círculos que formam oitos.

Novamente, eles deixam o grande círculo, porém ao retornar, somente quatro deles adentram o grande círculo e realizam o deslocamento retilíneo até uma das extremidades, então dois partem para direções opostas e se encontram na entrada do círculo, onde buscam mais quatro centauros que repetem a sequência de movimento, anteriormente realizada. Essa ação é repetida durante o tempo necessário para que todos os trinta e quatro centauros possam estar dentro do círculo. Quando isso ocorre, eles constroem uma sequência de movimentos circulares, com círculos únicos e círculos duplos, em direções opostas e mesma direção.

A Cavalhada é finalizada com mais uma saída dos trinta e quatro centauros, quando eles retornam, estão em posse de lenços brancos para saudar a multidão. Esse cumprimento é realizado em caráter circular e sincronizado por dez vezes, ao fim da décima, eles se retiram do espaço e a manifestação é encerrada ao grito de: “Viva Santo Amaro”, realizado pela multidão com grande empolgação e comoção, deixando evidente a representação do atualizar e homenagear a figura do Santo Padroeiro.

Por fim, a estrutura e a configuração da Cavalhada deixam evidente sua categorização enquanto festejo e, conseqüentemente, enquanto produção social. Poderíamos perguntar: Mais precisamente, que tipo de produção social? Com base nos exemplos de produção fornecidos por Guarinello (2001), e voltados ao contexto de nossas observações, podemos elencar as seguintes produções sociais desse festejo: produção de memória; de identidade coletiva no espaço e no

tempo social; produção simbólica muitas vezes compartilhada entre os participantes; “produção” de afetos e expectativas individuais. Pois, como afirma Guarinello (2001, p. 972), “a festa é produto da realidade social e, como tal, expressa ativamente essa realidade, seus conflitos, suas tensões, suas cesuras, ao mesmo tempo em que atua sobre eles”.

Considerações Finais

A Cavallhada de Brumal, em seu sentido festivo religioso, representa a ritualização e reatualização da eficácia do sagrado mediado pelo padroeiro local, Santo Amaro. Com isso Santo Amaro é homenageado, honrado e o povo renova a confiança em sua proteção e reafirma a fé para com ele. A Cavallhada, momento significativo para Brumal, extrapola a dimensão cronológica e alcança a condição de interruptora do tempo, cujos aspectos cronológicos assumem contornos de Kairós¹, referentes principalmente a ações do sagrado mediado por Santo Amaro, considerado o corpo um pretexto para uma viagem pelo mundo católico rural.

Desse modo, as ações corporais devem ser percebidas como partes significativas nesse processo de reatualizar e ritualizar a ação do sagrado mediado pela figura do Santo Amaro. Destarte, a utilização da metáfora do centauro somado ao conceito de Técnicas Corporais colabora para entender que tais nuances corpóreas extrapolam a descrição puramente estética, ou cinesiológica que são performatizadas durante a ocasião da Cavallhada. Com isso e a partir das observações foi possível integrar o que não está dissociado, ou seja, a inter-relação entre a motricidade humana e motricidade dos cavalos, além de constatar a premissa de Mauss (1974) “que ato técnico, ato físico, ato mágico religioso são confundidos pelos agentes”.

Portanto, depois de estabelecer esse procedimento foi possível elucidar o conjunto de ações corporais manifestadas. De acordo com o observado elas podem ser categorizadas em: aspectos organizacionais (principalmente circular), alternância de ritmo, mudança de direção, agrupamentos entre os personagens de dois a dois e quatro a quatro, além do entrelace de fita que juntamente com as embaixadas mobilizam inúmeras outras estruturas corporais, tais como lateralidade, equilíbrio, coordenação e destreza. Por fim, tais ações corporais estão permeadas pela singularidade do significado religioso e não somente em uma beleza estética biofisiológica.

Referências

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. São Paulo: 2ª Ed. Brasiliense, 1986.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Católicos, protestantes, espíritas**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O trabalho do antropólogo**. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1996.

DA MATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter *Anthropological Blues*. In: NUNES, Edson Oliveira (Org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

¹ Chronos e Kairós, na mitologia, eram Titãs que controlavam o tempo. Enquanto o primeiro era responsável pelo tempo corrido e humano, o segundo responsabilizava-se pelo tempo significativo.

GONÇALVES, José Artur. "Cavalhadas na América Portuguesa: morfologia da festa". In JANCSÒ, Istvan. KANTOR, Iris. Org. **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Edusp/Fapesp: 951-96, 2001.

GUARINELLO, Norberto Luiz. "Festa, trabalho e cotidiano". In JANCSÒ, Istvan. KANTOR, Iris. Org. **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Edusp/Fapesp: 969-975, 2001

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, EDUSP: 209-233, 1974.

MEYER, Marlyse. A propósito de Cavalhadas. In JANCSÒ, I. KANTOR, I. Org. **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Edusp/Fapesp: 227-247, 2001.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. O Catolicismo rústico no Brasil. In: **O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes: 72 – 99, 1973.

SILVA, Gustavo. Apresentação. In: **Curato Nossa Senhora das Graças**. Planejamento Pastoral 2011. Brumal: 2011.

TURA, Maria de Lourdes Rangel. A observação do cotidiano escolar. In: ZAGO, N.; CARVALHO, Marília Pinto de. de, VILELA, Rita Amélia Teixeira. (Org.). **Itinerários da pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson Oliveira. (Org.). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2000.

ZALUAR, Alba. Milagre e castigo divino. In. **Religião e Sociedade**. n. 5, junho: 161-187, 1980

Recebido em 26 de abril de 2022.
Aceito em 16 de agosto de 2022.